

Novo paradigma para os profissionais da informação*

Suzana Pinheiro Machado Mueller**

Resumo

A autora reflete sobre um novo paradigma para o profissional da informação. As novas tecnologias na área tendem a dispensar a presença do bibliotecário como um intermediário do processo. Surgem novas maneiras de se obter informação e, em consequência, surgem também novas experiências sobre a função dos serviços bibliotecários e de informação.

Palavras-chave: bibliotecário; serviços de informação; novo paradigma profissional.

1 Introdução

Qual é o papel do profissional da informação em um mundo no qual as pessoas têm a sua disposição sistemas de informação que podem ser consultados sem o auxílio de nenhum intermediário? Sistemas que estão em um contínuo processo de aprimoramento, para oferecer cada vez mais variedade de informações e facilidade de consulta, e cujos custos tendem a diminuir ao longo do tempo? A tecnologia da comunicação provocou e continua provocando mudanças profundas nos hábitos das pessoas, que afetam também a maneira de obter informações, e nas expectativas sobre o que devam ser serviços bibliotecários e de informação. Muitos dos serviços tradicionalmente realizados pelos bibliotecários podem ser obtidos agora diretamente pelo usuário, usando um computador.

* Palestra proferida no IV Seminário de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Centro-Oeste. Goiânia, 1997. Painel: Formação Profissional e Mercosul.

** Bibliotecária, doutora em Ciência da Informação e professora titular no Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Existirão bibliotecas no futuro? Como serão essas bibliotecas?

Considerando, como profissionais da informação, o nosso país, o nosso ambiente, os nossos problemas, quais são as nossas respostas a essas perguntas? Como podemos nos preparar para enfrentar essas mudanças? Esse é o cenário que sugeriu este encontro aqui em Goiânia. A situação mudou. Houve uma mudança de paradigmas.

2 O que é um paradigma?

O título da palestra que me sugeriram contém a expressão *novos paradigmas*. Essa expressão se tornou comum neste fim de século. Parece que em todas as nossas atividades houve uma *quebra de paradigma*, e está havendo a emergência de um *novo paradigma*. O que significam, na prática, essas expressões? Por que a palavra *paradigma* parece ter ficado tão importante para nós, bibliotecários e outros profissionais da informação, uma vez que em todas as reuniões profissionais da área há alguma palestra, às vezes toda uma seção, dedicada ao tema?

Paradigma significa simplesmente *modelo*. Um modelo que representa a nossa percepção das coisas, da natureza, dos fenômenos sociais, segundo o qual ajustamos nossa perspectiva e moldamos o nosso comportamento, nossos esforços, e estabelecemos nossas aspirações. Este modelo, portanto, nos fornece critérios e parâmetros para nossas decisões. Quando ele já não parece adequado, quando não mais fornece bases válidas para nossas ações nem explicações convincentes para nossas crenças, então há uma *quebra de paradigma*, e emerge outro, fruto de um novo entendimento das coisas, da nova perspectiva ganha. Isto é, houve um fato novo, ou um conjunto de fatos novos, que mudou a situação vigente, ou a maneira de entendê-la. Às vezes isso ocorre de maneira suave, e os ajustes vão sendo feitos à medida que se ganham perspectivas novas. Em outras, a mudança é repentina, quando de repente se percebe que nossa visão das coisas já não corresponde à realidade.

No nosso contexto específico, a expressão “paradigma para os profissionais da informação”, se refere a uma visão ou entendimento da nossa sociedade e época. Inclui-se aí o entendimento das possibilidades tecnológicas, que nos leva a adotar um conjunto de crenças e práticas com relação à informação. Estas crenças e práticas são aceitas como legítimas, próprias e desejáveis, servindo de molde para o nosso comportamento profissional e, portanto, também para os cursos de formação profissional. Esse nosso paradigma está naturalmente sujeito às influências de forças presentes no nosso ambiente, ou mesmo é decorrência do ambiente em que vivemos. As mudanças que ocorrem nesse ambiente maior atingem nosso ambiente específico, provocando desequilíbrios, reavaliações e mudanças. Portanto, se falamos de *um novo paradigma* para nossa profissão, é porque houve uma mudança de paradigmas em um contexto mais amplo. É para lá, para esse contexto maior, que devemos olhar primeiro, para então perceber o que ocorreu no nosso ambiente profissional imediato. Mas para isso, acho que é uma boa idéia esboçar primeiro o que podemos chamar de *velho paradigma*.

3 O velho paradigma

Nossa profissão de bibliotecários foi oficialmente estabelecida no Brasil em 1962. Em que acreditamos. Quais são as bases de nosso credo profissional, que nos forneceu inspiração e direção para as nossas ações e nossos cursos profissionais nesses últimos trinta e tantos anos? Embora não seja uma tarefa fácil responder satisfatoriamente a essas perguntas, podemos indicar alguns dos pontos mais importantes. A lista abaixo é provavelmente uma simplificação grosseira do que pretendo representar, mas serve ao propósito deste trabalho:

a) A biblioteca é uma instituição social essencialmente boa e insubstituível, cujas funções incluem a preservação dos registros da cultura humana, a educação dos jovens e adultos, a elevação da qualidade de vida.

b) A função do bibliotecário inclui a coleta, a organização, a preservação e a divulgação dos acervos, para permitir à bi-

biblioteca cumprir as suas funções de preservação do conhecimento humano e de informação das gerações presentes e futuras.

c) A primeira obrigação da biblioteca é a de servir a sua comunidade, percebendo as suas necessidades atuais e futuras e *dando acesso* à informação registrada

d) Há tipos distintos de bibliotecas razoavelmente bem delineados – bibliotecas públicas, nacionais, universitárias, escolares, especializadas, bibliotecas montadas para assessorar a administração pública. Em cada uma dessas, a missão do bibliotecário é servir de *intermediário entre a massa de informações e os usuários*, como dizia Jesse Shera, em *Foundations of education for librarianship*, nos idos de 1972. Isso inclui a seleção dos itens que formarão o acervo e a sua organização, mediante, por exemplo, a classificação, a catalogação, a indexação, e também o trabalho dirigido ao usuário individual, na forma de atendimento dirigido. Portanto, tudo que diz respeito à administração da biblioteca.

e) Boas coleções garantem a qualidade das boas bibliotecas, especialmente as dedicadas à pesquisa. Por isso é necessário investir bastante nas coleções, sobretudo nas coleções de periódicos.

Vários outros pontos como esses poderiam ser listados. Mas de qualquer forma, ainda que incompleta, essa lista mostra a direção em que temos caminhado. Nossos cursos profissionais têm, em conformidade com esse paradigma, formado bibliotecários, principalmente, para trabalhar em uma instituição bibliotecária, com uma comunidade conhecida, com acervos conhecidos, imbuídos do ideal da educação, da necessidade da leitura, com habilidades de administração necessárias para gerir ou participar da gerência de tal instituição.

4 Mudanças e acontecimentos

Quais são as forças ambientais mais significativas que agem sobre as profissões da informação? Dois conceitos emergem já na primeira leitura que se faz, quando se tenta buscar respostas para

essas perguntas: *tecnologias da informação e globalização*. Na verdade, as tecnologias da informação é que tornaram possível a instalação de um estado de globalização. Vamos ver o que significa isso, sob a ótica que nos interessa aqui:

Primeiro, a tecnologia. Os fatores mais poderosos que agem sobre as profissões da informação são os decorrentes das inovações no campo da tecnologia da informação e dos meios de comunicação. A *rapidez* e a *amplitude* da evolução tecnológica são aspectos que tornam os avanços da tecnologia ainda mais arrasadores dos antigos paradigmas. Para repensar a profissão então teríamos que prever o que vai acontecer nesse campo. Entre as conquistas tecnológicas mais significativas que já ocorreram, sob a ótica dos serviços de informação, está o acesso imediato, descomplicado e barato, a volumes sempre crescentes de informação remota, isto é, situada em qualquer lugar do mundo. Na medida em que a transmissão de informações se torna mais digitalizada, o que está ocorrendo rapidamente, as fronteiras entre telefone, televisão e computador se tornam menos visíveis. Somando-se a capacidade dos três – comunicação por meio do telefone, lazer que a televisão oferece, memória e capacidade de processamento que o computador tem –, podemos imaginar o impacto que isso terá sobre o nosso trabalho tradicional como mediadores entre acervos de informação e usuários.

Por globalização entende-se o fato de que hoje, ao contrário do que acontecia alguns anos atrás, a distância geográfica por si só não representa empecilho para a comunicação, quer seja informal ou formal, para fins particulares, acadêmicos ou para negócios. A tecnologia permitiu o estabelecimento de uma infraestrutura de comunicação em bases globais. Nos países desenvolvidos, que, segundo alguns, são os grandes beneficiários desse estado de coisas, atribui-se valor crescente à informação e ao conhecimento como base para a transformação de suas economias que agora investem em indústrias voltadas para a prestação de serviços. Ou seja, o mundo não teria fronteiras, pois companhias e indivíduos podem oferecer seus serviços sem considerar barreiras ou fronteiras – há pouca diferença entre os esforços necessários para obter serviços oferecidos localmen-

te e serviços oferecidos por entidades situadas em qualquer outra parte do globo. Implica dizer que temos que levar em conta agora não apenas o nosso ambiente imediato, mas o mundo todo, tanto como possibilidade de fonte para as informações de que necessitamos quanto para as que oferecemos.

Já que é difícil dizer quais serão as inovações tecnológicas que irão aparecer no futuro a curto e médio prazo, quando qualquer coisa parece possível, a conclusão é que temos que estar preparados para enfrentar situações com grande dose de criatividade e capacidade. Ser competitivo, pois a capacidade de competitividade se tornou condição indispensável à sobrevivência, em um mundo que será um mercado aberto, onde protecionismos estatais ou nacionais são considerados ações desleais, e onde a eficiência é o caminho mais seguro para sobrevivência profissional. Firma-se um novo pragmatismo global: vale o que funciona, e não o discurso ideológico.

A globalização está expondo diferenças muito grandes entre os que têm habilidade profissional, educação e meios para sobreviver e prosperar nesse mercado mundial e os que não têm. Qual a chance que terá quem não tem essas habilidades e nem os meios para se adaptar às condições de um mundo onde prevalece um sistema de economia integrada? Mesmo havendo um debate sobre os efeitos da globalização, e vozes que se levantam pedindo cautela, pois o fosso não será entre indivíduos apenas mas entre nações ou regiões geográficas inteiras, é pouco provável que os acontecimentos mudem de rumo.

Em resumo, a globalização de nosso mundo, conseqüência dentre outras coisas da tecnologia de comunicação, está criando e recriando novos hábitos nas sociedades e novas formas de organização de mercado. O mundo está passando por mudanças monumentais e rápidas, que afetam profundamente muitos aspectos de nossa vida, e entre eles certamente a situação de emprego. Nosso país não é exceção. O movimento em direção à eficiência, à produtividade e à qualidade tem levado as empresas a enxugar seus quadros no mundo todo. No Brasil, a terceirização, uma expressão que nem existia há pouco tempo, vem sendo adotada por empresas privadas e também por órgãos públicos. Existem empregos, mas, para concorrer a eles,

as competências tradicionais estão se tornando menos e menos importantes. O mercado de trabalho tradicionalmente ocupado por bibliotecários não é exceção

Os governos e as instituições de ensino da maioria dos países estão sofrendo pressões da sociedade e vendo a necessidade de reformar seus sistemas educacionais, para permitir uma formação profissional que capacite de fato seus cidadãos para a sobrevivência. Nesse futuro não tão distante, empregos com estabilidade, como os que temos hoje no Brasil, não parecem ser prováveis. Ser extremamente criativo, independente e competente, não limitado ao local onde se vive, capaz de enfrentar desafios – essas talvez sejam as qualidades mais necessárias. No nosso caso, competência deve incluir entre outras coisas ser capaz de lidar com os avanços tecnológicos, ser capaz de se comunicar em mais de uma língua, de se adaptar ou compreender costumes diferentes dos nossos, ter boa dose de criatividade, além de, naturalmente, uma boa base profissional.

5 Conclusão

No início desta palestra fiz uma série de perguntas. Vamos voltar a elas.

Quanto ao papel do profissional da informação em um mundo no qual não haverá necessidade de intermediários para se obter informações, acho que o papel continua o mesmo na sua essência, mas será radicalmente diferente na prática. Atentem para os seguintes itens:

a) a preservação dos registros de informação continua sendo nossa função, mas a forma desses registros está mudando tanto, e temos também que assumir essa responsabilidade. Talvez não seja possível trabalhar nisso sozinhos, portanto teremos parceiros na pesquisa da melhor forma desses registros e também na prática.

b) a organização do conhecimento é nossa responsabilidade básica. Mais do que antes, por causa da quantidade, da diversidade e do caos que é, por exemplo, a Internet, é necessário organizar. Só que nossas competências não são mais suficientes. Aqui também decerto trabalharemos com parceiros.

c) a divulgação ou intermediação entre a massa de informação e os usuários talvez seja a área em que as mudanças sejam mais visíveis e desconcertantes. É claro que temos um papel importante na divulgação e no auxílio ao acesso à informação, mas de forma diferente do que tradicionalmente fazíamos. De um lado, os sistemas permitem que qualquer um, com um mínimo de competência e equipamento, possa sozinho divulgar e conseguir acesso ao que deseja. Além disso, pessoas com formação diversa também oferecem seus serviços nessa área. Portanto, se quisermos atuar aqui, é necessário oferecer mais do que os outros. Não mais apenas dar acesso, mas agregar valor, trabalhar a informação conforme necessidades ou interesses de usuários.

d) a responsabilidade de divulgação, de forma semelhante à feita pelas editoras, parece ser também uma nova atribuição, especialmente no caso de bibliotecas universitárias.

Em relação aos pontos que sugeri como parte do antigo paradigma, vamos agora ver o que teria mudado.

A biblioteca continua sendo considerada uma instituição útil, mas a diferença é que cada vez mais será necessário lutar por verbas, pois as alternativas de acesso à informação serão muitas, talvez mais baratas e eficientes

A diferença entre tipos de bibliotecas está ficando cada vez menos clara. A função do bibliotecário não se restringe mais aos usuários locais nem apenas aos acervos locais ou àqueles em bibliotecas com os quais se mantém algum acordo, mas a qualquer documento ou informação disponível em qualquer lugar. Já não é tão necessário investir em boas coleções, mas em bons equipamentos e principalmente em competências – recursos humanos – para se conseguir identificar informações importantes para os usuários e conseguir acesso a elas.

Em resumo, nossa profissão continua tão dinâmica como sempre foi. Nosso erro tem sido querer estabelecer modelos estáveis, pouco flexíveis, de formação e comportamento profissionais. Noções como, por exemplo, de um currículo mínimo que acabam inibindo inovações em vez de garantir qualidade, assim como garantir uma fatia do mercado de trabalho por meio de leis, em vez de competência. A diferença é o momento históri-

co. Não creio que seja possível sobreviver como profissão se não forem feitas profundas mudanças no ensino profissional e na maneira de encarar a profissão. Mudanças que reflitam o que está acontecendo e que sejam receptivas ao inesperado.

Abstract

The autor considers the new paradigm or example for the professional of information. The new technologies in this area have eliminated the need of a librarian as an intermedate in the process. There are new ways to obtain information and this emerges new expectations of the function of librarian duties and of information gathering.

Key words: librarian; computer information services; new professional paradigm.